

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 5 de julho de 1999 - ano III, nº 25.

boletim

Mar de silêncios

Edelson Rodrigues Nascimento

Romance sem palavras – Carlos Heitor Cony. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

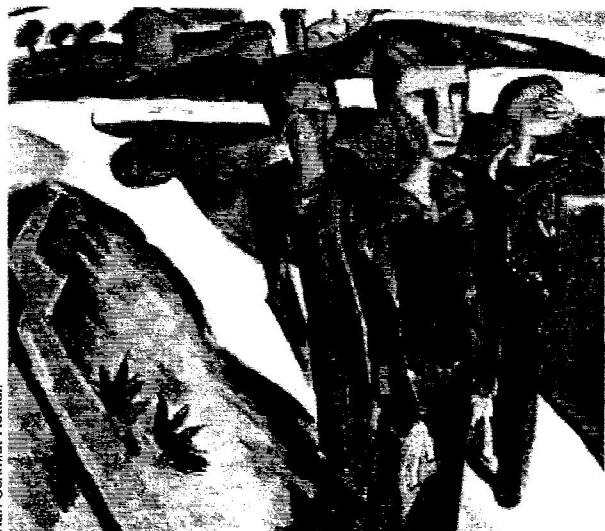
Um triângulo amoroso (dois homens e uma mulher) na Cidade Maravilhosa, em uma época em que este adjetivo, em qualquer circunstância, tornara-se despropositado e anacrônico. As paixões e o amor trespassando e entrecruzando vidas, em meio às prisões e à tortura, sobrepujando a dor e o medo. Os vestígios do passado e as lembranças cristalizadas determinando as relações das pessoas no tempo presente. Essa poderia ser uma síntese do mais recente livro de Carlos Heitor Cony. Mas, se palavras são apenas palavras, mesmo um *Romance sem palavras* não pode ser resumido em apenas quatro linhas. A narrativa enfoca, alternadamente, dois períodos cronológicos: o final da década de 60 até meados da década posterior - o mais violento da ditadura militar - e os anos 90, sendo tecida por um narrador-personagem, Beto. Este, professor secundarista de história, é preso pela primeira vez em 1968, por força do Ato Institucional nº 5, que cassou direitos e liberdades individuais, dando plenos poderes ao general-presidente de plantão. O motivo: aulas que não se enquadravam nos padrões convencionais, mas sim "dentro de um critério pessoal, nem Toynbee nem Marx, eu mesmo". Mas a segunda prisão, ocorrida no verão de 1975, é a que realmente interessa. Trabalhando em uma editora ligada ao Partido Comunista Brasileiro (embora, ingenuamente, desconhecesse tal fato), Beto mantinha discreta participação no movimento de resistência ("ficar quieto seria uma forma de cumplicidade"), atuando inicialmente como redator de manifestos e mensagens e depois como uma espécie de responsável pelos recursos do grupo. Preso na cela B 17 de um presídio qualquer, ele teve o primeiro contato com o então padre Jorge Marcos, que retornava de uma sessão de tortura e ali fora jogado por dois soldados. Ensangüentado e

estropiado, era "o resultado de muitos gritos acumulados num corpo que nem parecia corpo". Em seu pênis, um resquício das técnicas utilizadas: um lancinante fio de arame a rasgar-lhe o canal da uretra, cuidadosamente retirado pelo companheiro de cela.

Jorge Marcos fora preso em 1973, por esconder, num ato puramente humanitário, dois integrantes de grupos de esquerda fugitivos da PE, a pedido de uma jovem estudante de direito que conhecera em um debate na PUC. Embora não tivesse uma boa formação política, já começara, mesmo antes disso, a tomar posição contra a ditadura. Assim como começara a questionar seu voto de castidade feito perante a Igreja (o encontro com aquela estudante contribuiria para acelerar o processo). Sua resistência à tortura e a demonstração de fidelidade aos companheiros e à causa fizeram-no merecedor da admiração de Beto.

Completa o "triângulo", claro, a tal jovem estudante, Iracema (este, como os outros dois, um codinome – anagrama de América, como lhe ensinou Beto, utilizado por José de Alencar na obra *O guarani*). É a mais politizada dos três, tendo desde cedo participado de movimentos estudantis de vanguarda. Abandonou uma bolsa de estudos em Praga para vir participar da luta revolucionária. Sobre os dois companheiros, tem a vantagem de possuir "um caráter forte, mais objetivo, menos sentimental". Ela e Beto tornam-se amantes no período da clandestinidade; tendo eles, num segundo momento, de fugir não apenas dos militares, mas também da perseguição, real ou imaginária, de Raul, um líder da esquerda que julgava nocivo à luta esse tipo de envolvimento. Decidida e liberada, demonstra a capacidade de entrar - e o faz de forma total e de uma só vez, diferentemente daqueles - e sair do "jogo" (seja ele qual for) quando bem entender. Apesar dessas características, e de ser a única mulher realmente importante que aparece no livro, é uma personagem sem rosto e sem voz, algumas vezes tomada como um objeto ("Iracema agora é minha", como Jorge Marcos disse para Beto, ao se reencontrarem após alguns anos); e mesmo quando fala, ela o faz por meio de um livro - interminável - que revela estar escrevendo, cujo título é bastante emblemático: *Romance sem palavras!* (Teria o movimento de resistência um caráter tão flagrantemente machista?)

Passada a sanha da ditadura, Iracema - ou Maria Vitória, seu nome verdadeiro - torna-se uma importante advogada trabalhista em uma grande empresa (defendendo, ironicamente, o capital), inclusive fazendo parte de sua diretoria. Casada com o agora ex-padre Jorge Marcos, gozam uma vida tranqüila de classe média alta, demonstrando ambos, principalmente ele, tino para jogar na bolsa de valores. (Nada mais capitalista, portanto.) O marido é professor de Letras na Universidade Federal e trabalha na conclusão de um livro sobre Camões e Fernando Pessoa. Beto, o melhor amigo do casal, também é professor na mesma instituição, mas na cátedra de História; desenvolve um trabalho sobre o "Mar Tenebroso" (expressão que o impressionou em um livro que lera quando criança - "Imóvel, claro, ralo, em cima. E embaixo, escuro,



Karl Schmidt-Rottluff

(continua)

ROMANCE SEM PALAVRAS

Mar de silêncios

(continuação)

profundo, dando a impressão de caminhar como um monstro em direção a si mesmo), o oceano Atlântico, temido pelos navegantes do séc. XVI. Leva uma vida modesta: não transa mais com Iracema e não aplica na bolsa...

A fragilidade do relacionamento dos três é gradualmente evidenciada à medida que passam a se dar conta de que tal união tem base em um passado turbulento que eles querem apagar da memória, e talvez as condições e os sentimentos mesmos que forjaram tanto a amizade quanto a vida matrimonial já não mais façam sentido, ou talvez nem mais existam. A renitente gratidão de Jorge Marcos incomoda Beto, o mais decidido a "colocar uma pedra sobre o passado" (afinal, embora realmente tivesse ajudado o amigo, tanto na cela quanto para sair dela, este, por sua vez, o salvara de uma cilada armada por Raul, o temível líder do grupo a que pertenciam; estavam, portanto, quites). O provável sentimento de culpa que mantém Iracema ao lado do marido – uma vez que, de certa forma, o envolvera no movimento – já começa a se tornar insuficiente para tanto. E, finalmente, o caminho de volta ao sacerdócio começa a se impor, de forma irresistível, para o religioso Jorge Marcos, embora ele tente, inicialmente, esconder esse sentimento dos outros dois. Na esteira disso tudo, duas revelações fundamentais: o ex-padre, ao ler escondido o livro que a esposa está escrevendo, descobre que ela ainda nutre um grande amor por um companheiro dos tempos da clandestinidade, que, segundo deduz, só pode ser Beto. Sem qualquer vestígio de ciúme (pois sua volta ao sacerdócio já se tornara irreversível), revela o fato ao amigo, que fica bastante perturbado. Ainda lhe confia, posteriormente, que é, ou está, impotente (quem sabe aquele arame no pênis...), levando Beto a inferir que ele e Iracema jamais tiveram, verdadeiramente, um relacionamento marido-mulher. O final do livro não deixa de ser surpreendente, apesar de o autor dar pistas de um "previsível" final imprevisível.

O texto, a despeito de evidenciar um certo descuido, tanto na elaboração quanto na revisão, é escrito de modo a prender a atenção do leitor do início ao fim, tornando-se uma leitura interessante (são capítulos curtos, em que se alternam as épocas, sempre ficando uma "pontinha", um certo suspense que remete ao próximo) - Cony, aliás, é mestre nessa técnica.

O que, no entanto, causa um recorrente desconforto é o sentimento de revolta e frustração que permeia toda a novela (a classificação no gênero literário é do próprio autor). Pois, estranhamente, esse sentimento se direciona muito mais ao movimento de resistência - que teria, entre outras coisas, adiado por diversas vezes o projeto acadêmico de Beto, atrapalhando-lhe a vida - do que propriamente à repressão que o tornou inevitável. Isso se evidencia em várias passagens, quer quando se considera a luta armada uma causa desnecessária e perdida ("a suspeita de que tudo aquilo era inútil [...] para todos"), quer quando são colocadas no mesmo patamar as perseguições e as torturas desencadeadas pelos militares e as medidas de controle interno adotadas por alguns líderes do movimento.

Líderes, aliás, pintados com um perfil por vezes caricato: pessoas que não tinham, nem admitiam que seus liderados tivessem, vida pessoal: que os perseguiam (teriam "clima" e tempo para isso?), quando aqueles "saíam da linha": que eram tidos até como "reencarnações" (incrível, o termo não

é usado com ironia!) de Che Guevara - se não o próprio, que teria escapado da cilada na selva boliviana (um sócio teria morrido em seu lugar) e aqui se estabelecido para dar continuidade ao seu projeto revolucionário. Aparecem representados por Raul, que, de forma oculta e onisciente, controla todas as ações de seus comandados, chegando ao requinte de saber quem transa com quem e interferir nos relacionamentos que, porventura, considera indesejáveis para o movimento (ou para si mesmo?). No diálogo mais contundente sobre o tema, Beto e Jorge Marcos chegam a compará-lo a um "chefe de gangue, um traficante de drogas, um *capo* do jogo do bicho...". Abraçam uma causa, são capazes de morrer e/ou matar por ela, mas, no percurso, acabam por perder qualquer senso de humanidade, transformando-se em verdadeiros monstros ("Homens são homens" – a expressão shakespeariana aparece como epígrafe do livro e é retomada nesse diálogo, mas sua seqüência - "*the best sometimes forget*" - recebe uma interpretação um tanto equivocada, entendendo-se que tal esquecimento não levaria a uma superação da mesquinhez e das limitações humanas, mas sim à direção oposta).

Embora os horrores dos porões sejam cruamente retratados - e não se vislumbra a mais pálida intenção de torná-los menos abomináveis do que, de fato, são -, em nenhum momento se credita àqueles que lutaram, em última instância, pelos direitos e liberdades individuais, qualquer contribuição para o restabelecimento da democracia. Isso teria sobrevivido, na análise do narrador-personagem, como decorrência natural de um apodrecimento do sistema político fardado. E mais: que tal fora determinado, principalmente, pela dinâmica da conjuntura internacional. Discussões ideológicas à parte, resta, soberano, o Mar Tenebroso dos navegantes medievais. E se ele, à época, amedrontava pela crença difundida de que possuía monstros e mistérios, o atual oceano Atlântico mantém sua aura de monstruosidade, uma vez que serviu de túmulo para muitos "desaparecidos políticos".

Mas outros dois mares parecem também assustar o autor: o da ditadura e o das relações entre os homens - estes, intemporais; mas não menos tenebrosos. O certo é que, no confronto com um e outro, ele opta por ficar seguro, na superfície, e deixar que as não-palavras digam o que as palavras não puderam dizer.

Edelson R. Nascimento participa do GT Literatura Brasileira Contemporânea da UnB.



Segunda-feira, 12 de julho

À PATAGÔNIA

de João Batista Melo

Discussão às 16 horas, na sala B1 251 (ICC Centro, sobreloja).

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rtdal@unb.br

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/il/tel/boletim/>